

ANDRÉ FELIPE MAGALHÃES LIMA

Entre a abstração e a figuração

Brasília
2014

Entre a abstração e a figuração

Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Plásticas,
habilitação em bacharelado, do Departamento de
Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.
Orientador: Prof. Dr. Gustavo Lopes

Brasília
2014



Tiger, tiger, burning bright
In the forest of the night.
William Blake



À minha Tia Avó, grande professora de artes.
In memoriam.

AGRADECIMENTOS



Agradeço aos meus pais que apesar de todo o trabalho que eu lhes dei e problemas que vim a causar a eles, nunca vieram a desistir de mim e nunca deixaram de acreditar.

Agradeço aos meus familiares que apesar de falta de notícias nunca deixaram de acreditar em minha capacidade e sempre estiveram do meu lado para o que desse e viesse.

Agradeço a professora Cintia Schwantes que esteve este tempo todo em que estive na faculdade ao meu lado me ajudando em tudo que se fazia necessário para meu melhor aproveitamento.

Agradeço ao professor Gustavo Lopes por toda a fé, paciência e dedicação durante esse percurso.

A todos os professores e colegas que me acompanharam durante o curso.

SUMÁRIO

Lista de imagens	07
Memorial	09
Introdução	11
História do trabalho	16
As obras em si:.....	20
I: Desenvolvimento conceitual do trabalho Entre a abstração e a figuração	20
II: A obra em si	32
Conclusão	40
Bibliografia	41

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Estudo da Família Lima.....	12
Figura 2: John Dearle, Edward Burne-Jones e William Morris, <i>Vegetação com cervos e escudos</i> , tapeçaria da série <i>Tapeçarias do Graal</i> , 1900.....	13
Figura 3: Markgraf Otto von Brandenburg.....	13
Figura 4: Andy Warhol. <i>Campbell's Soup Can</i>	15
Figura 5: André Felipe Magalhães Lima. <i>Sem título1</i>	17
Figura 6: André Felipe Magalhães Lima. <i>Sem título.2</i>	17
Figura 7: André Felipe Magalhães Lima. <i>Sem título3</i>	18
Figura 8: André Felipe Magalhães Lima. <i>Sem título 4</i>	18
Figura 9: André Felipe Magalhães Lima. <i>Sem título 5</i>	19
Figura 10: VassiliKandinsky. <i>Composição VII</i>	20
Figura 11: VassiliKandinsky. <i>Transverse Line</i>	21
Figura 12: VassiliKandinsky. <i>Several Circles</i>	22
Figura 13: VassiliKandinsky. <i>Composição VIII</i>	22
Figura 14: Franz Ackermann. <i>New Building</i>	23
Figura 15: Franz Ackermann. <i>Helicopter XVI</i>	24
Figura 16: Daniel Richter. <i>Alles Ohne Nichts</i> , 2006-2007.	25
Figura 17: Daniel Richter. <i>Photo: Jochen Littkemann</i>	26
Figura 18: Gustav Klimt. <i>Cartoon for the Frieze of the Villa Stoclet in brussels: Fulfillment</i>	27
Figura 19: Gustav Klimt. <i>Portrait of Adele Bloch-Bauser I</i>	28
Figura 20: Adriana Varejão. <i>O Chinês</i>	29
Figura 21: Adriana Varejão. <i>O Chinês</i>	29
Figura 22: Beatriz Milhães. <i>Panamericam</i>	30
Figura 23: Beatriz Milhães. <i>A Louca</i>	31
Figura 24: André Felipe Magalhães Lima. <i>Trablho em progrsso1</i>	32
Figura 25: André Felipe Magalhães Lima. <i>Trablho em progrsso2</i>	33
Figura 26: André Felipe Magalhães Lima. <i>Trablho em progrsso3</i>	33
Figura 27: André Felipe Magalhães Lima. <i>Trablho em progrsso4</i>	34
Figura 28: André Felipe Magalhães Lima. <i>Trablho em progrsso5</i>	34



Figura 29: André Felipe Magalhães Lima. <i>Trablho em progrsso6</i>	35
Figura 30: André Felipe Magalhães Lima. Sem nome 1.....	36
Figura 31: André Felipe Magalhães Lima. Sem nome 1.....	36
Figura 32: André Felipe Magalhães Lima. Sem nome 1.....	37
Figura 33: André Felipe Magalhães Lima. Sem nome 1.....	37
Figura 34: André Felipe Magalhães Lima. Sem nome 1.....	38
Figura 35: André Felipe Magalhães Lima. Sem nome 1.....	38
Figura 36: André Felipe Magalhães Lima. Sem nome 1.....	39
Figura 37: André Felipe Magalhães Lima. Sem nome 1.....	39



MEMORIAL

O interesse pelas artes me vem de família. Minha tia avó era formada em artes plásticas e lecionar artes foi uma das atividades que ela empreendeu, ao longo de sua vida. Nascido em Brasília, tive a experiência de conviver com a arquitetura modernista de Oscar Niemeyer desde a mais tenra idade, bem como com os azulejos de Athos Bulcão. Minha família, desde que o meu talento para as artes plásticas se evidenciou, sempre me incentivou.

Ingressei na escola no Colégio Marista da Asa Sul (conhecido como Maristinha), onde infelizmente o incentivo às artes era pouco, restringindo-se às aulas de artes. Essa não era uma prioridade da escola. No segundo grau, já diagnosticado como portador de dislexia e déficit de atenção, fui transferido para uma escola alternativa, a Dromus, com uma filosofia de ensino diferenciada. Lá, tive um excelente professor de história da arte, o professor Giovani, que procurou estabelecer uma interface entre arte e vida cotidiana.

Simultaneamente, iniciei um curso de desenho, do IAM, de nível mais técnico, que ajudou a minha técnica. Quando chegou a época do vestibular, optei, naturalmente, pelo curso de artes. Na prova específica, na parte escrita, respondi a questões de história da arte (que eu havia aprendido a apreciar com o professor Giovani); a seguir, desenhei pessoas, com limite de tempo. Depois, os professores avaliaram algumas de minhas obras. Uma vez aprovado, iniciei o curso.

Tive excelentes professores no curso de artes, altamente especializados em sua área, o que ajuda bastante os alunos. Além disso, tive convivência com outros artistas, o que propiciou troca de ideias e experiências.

Tive igualmente a oportunidade de fazer um curso de design de jogos, que abriu meu leque em termos profissionais, além de ter ampliado minha visão sobre a arte em sua inserção na sociedade.

O processo de elaboração do projeto final também contribui para alargar meus horizontes em termos conceituais, no que contei com os ensinamentos e a disponibilidade do meu professor orientador, Gustavo Lopes, que foi extremamente

aberto ao diálogo. Essa foi uma experiência que acrescentou muito à minha formação, tanto conceitual quanto técnica. Trabalhei com carvão e tinta acrílica sobre tela, o que permitiu soltar meu traço e ser mais expressivo.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho se iniciou durante a disciplina Ateliê 2, com a ideia de reapropriar símbolos heráldicos, que, uma vez recontextualizados, permitiriam uma grande diversidade de leituras. A ideia inicial era lançá-los em uma tela, misturados com símbolos contemporâneos. Essa experiência foi o germe do presente projeto

Aqui, um grande desafio se apresenta: a aplicação das possibilidades de uma técnica tradicionalíssima (pintura sobre tela) cujos limites já foram explorados ao extremo culminando na obra *Preto sobre preto*, de Malevich.

Dois conceitos serão fundamentais na consecução desse trabalho: os de figuratividade e de abstração. Trabalharemos com as ideias de Auerbach, inicialmente.

O figurativismo, em artes plásticas, se prende ao conceito grego de mimese, entendido como reprodução reconhecível de objetos reais. “Objetos” podem ser entendidos como pessoas, edifícios, roupagens, etc. A arte figurativa não será necessariamente fiel ao objeto representado (caso do figurativismo realista). Pode também se dar de outras formas: o Expressionismo, por exemplo, exagerava elementos representacionais, ao passo que o idealismo procurava aperfeiçoar o que estava dado à representação. A verossimilhança, por sua vez, depende da organização interna da obra.

A arte figurativa, ao longo do século XX, foi paulatinamente dando lugar à arte abstrata. Ela se opõe à arte figurativa na medida que se prende ao que é essencial na pintura, ou seja, a cor, as formas e as estruturas. Por essa razão, as formas ganham destaque na arte abstrata, sendo apartadas de qualquer tentativa de imitação. A arte abstrata, assim, recusa a mimese que está na base da arte figurativa. Nela, se exerce a recusa à cópia, como uma forma de conferir à arte independência em relação à natureza.

Como qualquer outra atividade humana, a pintura sofreu modificações de acordo com as tecnologias disponíveis – e como qualquer outra atividade simbolizadora, mudou de acordo com os temas que adquiriram relevância ao longo da história da humanidade. O período que nos interessa em particular nesse trabalho é a Idade Média, visto como uma atividade pictórica importante dessa época será parte fundamental do nosso projeto.

Durante a Idade Média, boa parte da produção artística ocupou-se de temas religiosos, como atestam vitrais, retábulos, iluminuras e inúmeros outros exemplos. Temas seculares, contudo, tiveram também o seu espaço. A heráldica se inclui nesse segundo universo. Podemos defini-la como

Uma linguagem simbólica e pictórica, na qual figuras, arranjos e cores são empregados em lugar de letras. Cada composição heráldica possui um significado completo e definido, transmitido através de sua conexão direta com determinado indivíduo, família, título ou cargo.¹ (BOUTELL, 2007).

Como ilustração de exemplos de figuras heráldicas, podemos apresentar as seguintes imagens:



Figura 1: *Estudo da Família Lima*

Fonte: Site Universität Heidelberg

([http://pt.wikipedia.org/wiki/Lima_\(sobrenome\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lima_(sobrenome)))

Usos aos quais podemos acrescentar a representação simbólica de Estados, cidades e corporações (BOUTELL, 2007). Sobrevivendo à morte da ordem feudal que por muito tempo lhe impulsionara, a heráldica permanece relevante durante Idade Moderna, na medida em que permanecem muitos dos usos acima elencados.

¹ No original, “a symbolical and pictorial language, in which figures, devices, and colours are employed instead of letters. Each heraldic composition has its own definite and complete significance, conveyed through its direct connection with some particular individual, family, dignity, or office.” Tradução nossa.

O interesse artístico pela Idade Média, reacendido pelo Romantismo e levado adiante por artistas como os Pré-Rafaelitas, favoreceu a tematização da heráldica na arte do século XIX e da virada para o século XX (Figura 2).



Figura 1: John Dearle, Edward Burne-Jones e William Morris, *Vegetação com cervos e escudos*, tapeçaria da série *Tapeçarias do Graal*, 1900

Fonte: Birmingham Museums & Art Gallery.

<http://bmag.onlinegalleries.com/metadot/index.pl?isa=Metadot::SystemApp::AntiqueSearch;op=detail;id=35732>



Figura 3: Markgraf Otto von Brandenburg

Fonte: Site Universität Heidelberg

<http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/cpg848/0021?sid=00e32919c911a3e6af80dd11c577570c>²

²² Vide a utilização pelos países anglófonos do termo *popular culture*, que neles designa, muitas vezes, o universo da produção cultural tecnicamente reprodutível e veiculada em veículos de massa, como

De importância comparável à da heráldica, no que toca a este trabalho, são as transformações da arte ocidental, que levam à abstração, desde a Revolução Industrial, com a ascensão da burguesia como classe dominante. O Impressionismo, primeira escola a encarnar essa nova visão de mundo, vai iniciar o movimento de afastamento em relação à figuração, na medida em que o interesse maior não é a figura representada fielmente, e sim os efeitos de luz que podem ser captados pela cor na tela. Podemos ver esse trajeto nas obras dos grandes pintores impressionistas, em especial Van Gogh, Gauguin e Cezanne. Nas releituras que Van Gogh fez das telas de Millet, por exemplo, podemos encontrar a desmaterialização da imagem resultando num jogo visual proposto pela composição.

Seguindo e aprofundando a pintura abstrata vamos encontrar Braque e, principalmente, Picasso. Ao lado de Matisse e Marcel Duchamp, Picasso é visto como um dos artistas mais revolucionários do século XX. Após um período inicial, seu trabalho passou por sucessivas fases: a azul, a rosa, o africano, o cubismo analítico e o sintético, bem como o classicismo e o surrealismo. Provavelmente nenhum artista do século abrangeu em sua obra tantas tendências quanto Picasso, e sua trajetória pode ser vista como uma súpula das transformações na arte moderna.

Nesse momento, temos a estratificação entre a arte erudita, mais cara e pretensamente mais sofisticada, e a arte popular, termo que pode assumir dois sentidos: aquela arte pertencente ao folclore, produzida coletivamente e/ou por artistas não-profissionais, e aquela arte feita para ser reproduzida – o que baixa o seu custo, – pertencente ao que se pode chamar cultura de massas. Embora elas possam parecer muito distintas uma da outra, há muito diálogo entre elas, e alguns elementos da arte de elite são apropriados pela arte popular. Por outro lado, temas e elementos gráficos das artes populares também acabam sendo apropriados pela arte de elite. Um exemplo famoso é a apropriação do design da lata de sopa Campbell, pintada por Andy Warhol, um dos nomes mais importantes do movimento significativamente denominado *Pop Art*.



Figura 4: Andy Wharol. *Campbell's Soup Can*

Fonte: site do Museum of Modern Art

(http://www.moma.org/collection/browse_results.php?object_id=79809)

Esse movimento é relevante para nosso trabalho por não se tratar apenas de releitura de motivos na pintura, mas de apropriação de elementos pictóricos, que é o nosso objeto aqui.

Esse trabalho se iniciou durante a disciplina Ateliê 2, com a ideia de reapropriar símbolos heráldicos, que são dotados de muitos significados e portanto permitem várias leituras. A ideia inicial era lançá-los em uma tela, misturados com símbolos contemporâneos. Essa experiência foi o germe do presente projeto.

Parti de imagens de escudos heráldicos e empreendi uma desconstrução delas, retirando-as de seu contexto e justapondo-as a elementos gráficos oriundos da cultura de massas contemporânea, como filmes, seriados e *videogames*, desestabilizando assim seu significado original, e gerando outras possíveis leituras. Além de um elemento de linguagem, o uso de cores sólidas remete às cores presentes na heráldica e na cultura de massa igualmente.

Outro conceito importante, portanto, na consecução deste trabalho, é o de cultura de massa. Intimamente ligada à ascensão da burguesia e implementação do sistema capitalista, a cultura de massa deriva da produção de massa e das novas tecnologias de produção e reprodução de produtos culturais. A reprodutibilidade técnica está no coração da cultura de massa, pois permite disponibilizar ao maior número possível de consumidores um item que se entende como cultural, seja ele uma pintura, sua reprodução, ou a chamada literatura de massa, que engloba gêneros como, por exemplo, romances cor de rosa ou histórias de caubóis, bem como histórias em quadrinhos. Outros produtos culturais, derivados ou paralelos aos quadrinhos, serão os filmes de ficção científica, os games, os seriados televisivos, os mais relevantes em termos desse trabalho.

Os elementos da cultura de massas apropriados aqui foram o dispositivo de comunicação utilizado em *Star Treck* (figura 1), a Triforce (*The legendo ofZelda*, figura 2), o símbolo dos X-Men na figura 3, o símbolo do Império em *Star Wars* (figura 4) e o símbolo de Hazard na figura 5. Procurei harmoniza-los com figuras da heráldica, como a águia, que, como o falcão, representa liderança e realeza, o escudo, base inicial de todos os símbolos heráldicos, já que os brasões serviam primordialmente para identificar os aliados em um campo de batalha, as flores de lis, que também representam nobreza e, em especial, a corte francesa, entre outras. Esse percurso pode ser visualizado nas telas produzidas durante o semestre em que cursei Ateliê 2.



Figura 5: André Felipe Magalhães Lima. *Sem título1*



Figura 6: André Felipe Magalhães Lima. *Sem título2*



Figura 7: André Felipe Magalhães Lima. *Sem título3*



Figura 8: André Felipe Magalhães Lima. *Sem título4*



Figura 9: André Felipe Magalhães Lima. *Sem título5*

Essa experiência me proporcionou desenvolvimento técnico, bem como propiciou a busca por outros elementos pictóricos que pudessem ser apropriados no intuito de gerar novos significados.

I: Desenvolvimento conceitual do trabalho *Entre a abstração e a figuração*.

A criação de um artefato artístico percorre muitos caminhos, alguns dos quais trilhados por outros criadores, e que podem atuar como norte para a criação. É importante estar atento à contemporaneidade, bem como conhecer as grandes obras já clássicas para construir um percurso criativo.

Um pioneiro nesse percurso é o pintor russo VassiliKandinsky, que fez o percurso da figuração para a abstração nos anos iniciais do Abstracionismo, na década de 1910. Em conjunto com PietMondrian e KasimirMalevich, ele compõe o “trio sagrado” da arte abstrata. Em seu período como professor da Escola de Arquitetura da Bauhaus, Kandinsky tendeu a um abstracionismo estilizado. A arte abstrata geométrica, um dos campos que Kandinsky explorou, é de presença fundamental no nesse trabalho. A aproximação entre música e pintura, perseguida por Kandinsky, ampliou o alcance de sua obra. Podemos constatar o exposto em alguns quadros do pintor:



Figura 10: VassiliKandinsky. *Composição VII*

Fonte: site do universia

<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/05/29/937782/conheca-composico-vii-wassily-kandinsky.html>

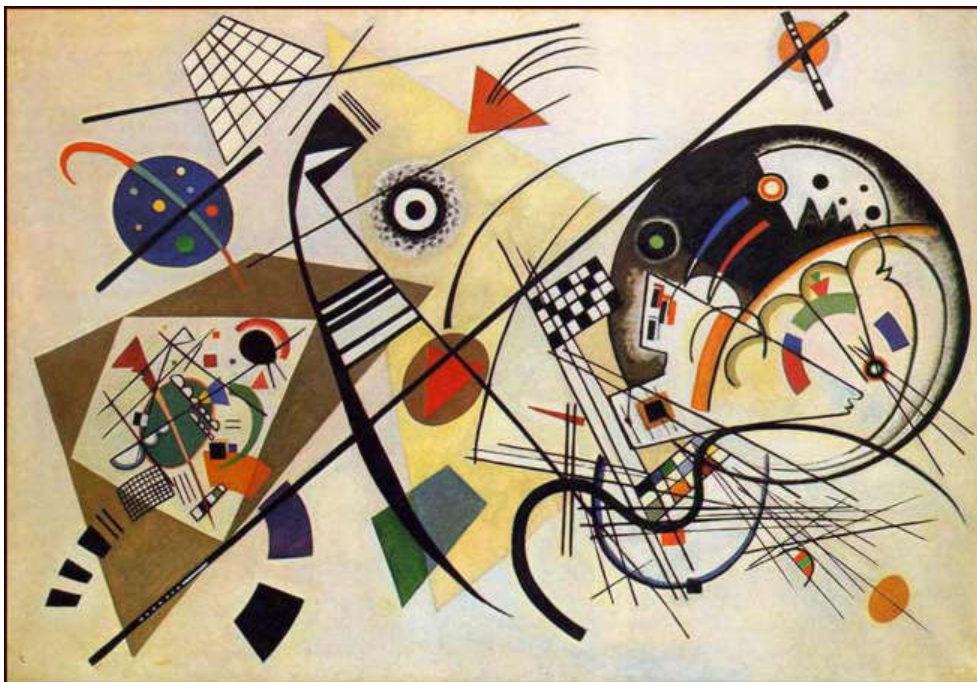


Figura 11: VassiliKandinsky. *TranverseLine*

Fonte: site do universia

Aqui, procuramos fazer um percurso intrincado, da Heráldica, uma arte altamente codificada e socialmente relevante, até sua apropriação pela cultura popular e a possibilidade de quebrar a estreita coerência entre os elementos heráldicos, assimilando-os e ressignificando-os. Faço com Kandinsky uma parte do caminho, aquela de seu percurso da figuração para a abstração, mas não implemento o rompimento efetivado por ele com a figuração, visto como conservo símbolos reconhecíveis, ainda que deslocados de seu contexto.



Figura 12: VassiliKandinsky. *SeveralCircles*

Fonte: site do universia

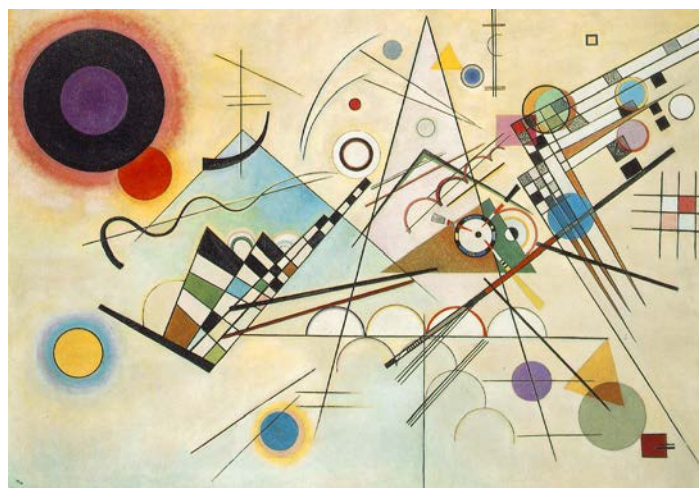


Figura 13: VassiliKandinsky. *Composição VIII*

Fonte: site do universia

Franz Ackermann, cuja obra também contribui para a parte conceitual desse projeto, é um pintor alemão que trabalha igualmente com instalações. Parte de sua obra se baseia em abstrações que tomam por inspiração *cartoons*, o que a coloca em uma intensa interface com a cultura popular. Dessa forma, seu trabalho é importante para esse projeto, uma vez que trabalha com a dicotomia abstração/figuração, bem como as relações entre alta cultura e cultura popular. Ele utiliza, igualmente, cores sólidas, como as que eu necessitava utilizar, e por motivos semelhantes, embora não iguais.



Figura 14: Franz Ackermann. *New Building*

Fonte: site lala natalia



Figura 15: Franz Ackermann. *Helicopter XVI*

Fonte: site lalanatalia

<http://lalanatalia.blogspot.com.br/2011/08/franz-ackermann.html>

Um dos pintores cuja obra me indicou caminhos foi Daniel Richter, pintor nascido na Alemanha Ocidental, que parte da figuração para a improvisação. Ele utiliza ainda os tons psicodélicos da década de 70, e seu traçado é muito estilizado. No momento, ele se dedica a um projeto de eliminar a figuração de suas obras. Essa tensão entre simbolismo, cores, desestabiliza os sentidos. Essa desestabilização é parte do efeito que procuramos atingir com o presente projeto.

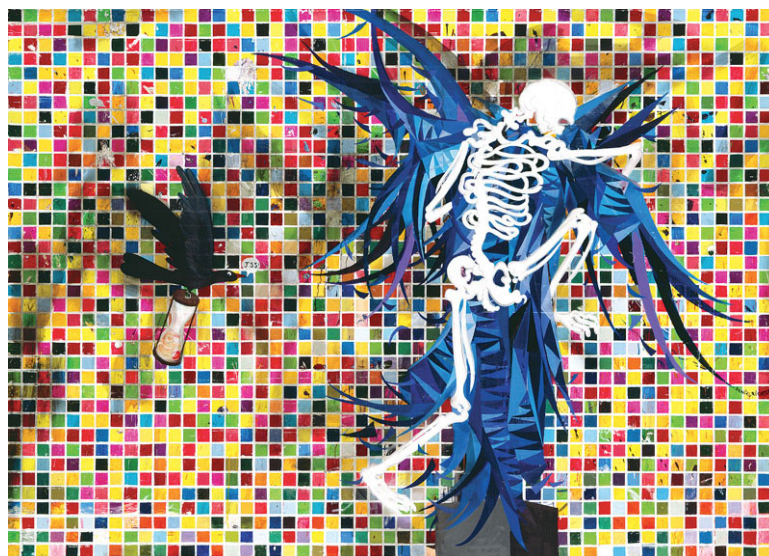


Figura 16: Daniel Richter. *Alles Ohne Nichts*, 2006-2007

Fonte: site artifacts.net

<http://www.artifacts.net/es/artista/daniel-richter-2048/obras-de-arte.html>

Procurei me apropriar das obras de Richter que se coadunam com meu trabalho, embora elas constituam um acidente de percurso na trajetória do pintor, que se dedica marcadamente ao hiper-realismo fotográfico.



Figura 17: Daniel Richter. Photo: JochenLittkemann

Fonte: site artifacts.net

<http://www.artifacts.net/es/artista/daniel-richter-2048/obras-de-arte.html>

Outro pintor cuja obra auxiliou nesse projeto foi Gustav Klimt, que começou a pintar sob o influxo do Simbolismo, como parte do grupo chamado Secessão de Viena. Em um cenário mais amplo, os pintores da Secessão tomavam parte do movimento denominado ArtNoveau, e Klimt pode ser apontado como um de seus maiores nomes. Na mais famosa de suas fases, a dourada, a abstração é injetada dentro de pinturas figurativas, através do farto uso de elementos geométricos repetidos, apropriação das artes decorativas que estavam na base de seus estudos em artes plásticas. A influencia da pintura japonesa é apontada na construção desses frisos, que são elementos decorativos, abstratos, geométricos, em dialogo com as figuras presentes em seus quadros.

Para o presente trabalho, foi elemento de inspiração essa apropriação de elementos geométricos que aparentemente não tem relação com o motivo central de cada pintura, e que configuram um passo a mais na direção da abstração.



Figura 18: Gustav Klimt. Cartoon for the Frieze of the Villa Stoclet in brussels: *Fulfillment*

Fonte: site do pinterest

(<https://www.pinterest.com/pin/569775790330293214/>)



Figura 19: Gustav Klimt. *Portrait of Adele Bloch-Bauser I*

Fonte: site do IG

<http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/2012-05-28/exposicao-em-nova-york-lembra-150-anos-de-gustav-klimt.html>

Adriana Varejão, pintora brasileira contemporânea, é autora do livro *Fotografia como pintura*, onde realiza um exercício de reflexão sobre os limites da representação e, de forma metalinguística, discute a própria pintura e o intuito ilusionista que permeia parte do cânone ocidental, procurando desestabilizá-lo.

Ela cria um denso universo simbólico em sua obra, revisitando a tradição colonial brasileira pelo lado avesso, contando as histórias silenciadas. Especial atenção se dá, no âmbito desse trabalho, ao uso dos motivos da azulejaria, que em Portugal foi contemporânea da heráldica. Igualmente, sua obra procura aproximar elementos aparentemente dispares, como tradições populares que nunca tiveram muito espaço no cânone (como a azulejaria, já citada, e o artesanato popular) e elementos da cultura digital, unindo-os em um complexo jogo imagético. Essa característica de sua obra é

particularmente profícua para o presente trabalho.

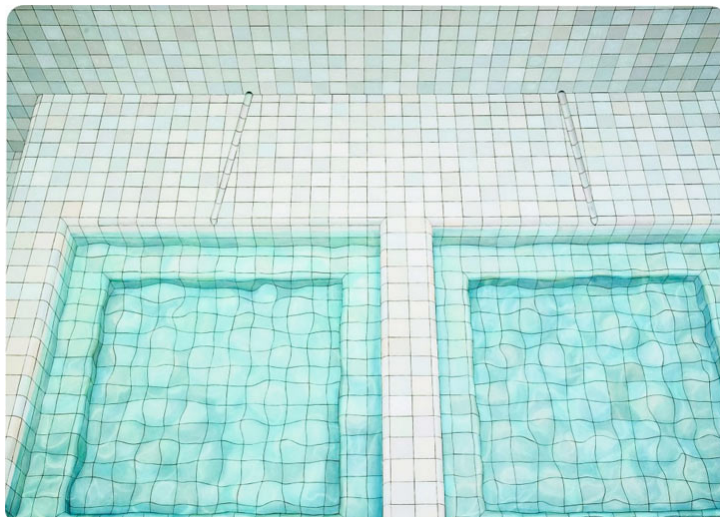


Figura 20: Adriana Varejão. *O Chinês*

Fonte: site enciclopédia Itaú cultural.

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa17507/adriana-varejao>



Figura 21: Adriana Varejão. Azulejos

Fonte: site enciclopédia Itaú cultural.

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa17507/adriana-varejao>

Por fim, Beatriz Milhães, pintora brasileira, também contemporânea, pertence à essa geração que se opôs à arte conceitual dos anos 70 e 80, e optou por pesquisar novas linguagens e novos materiais. Assim, ela é também gravadora e ilustradora, e seus motivos tem uma acentuada matriz folclórica, utilizando cores puras e formas geométricas, predominantemente circulares, para representar, em seus quadros, coisas tipicamente nacionais, como o carnaval e o artesanato de raiz popular, como bordados, rendas e contas.



Figura 22: Beatriz Milhães. *Panamericam*

Fonte: Site James Lisboa escritório de arte

(<http://www.escritoriodearte.com/artista/beatriz-milhazes/>)

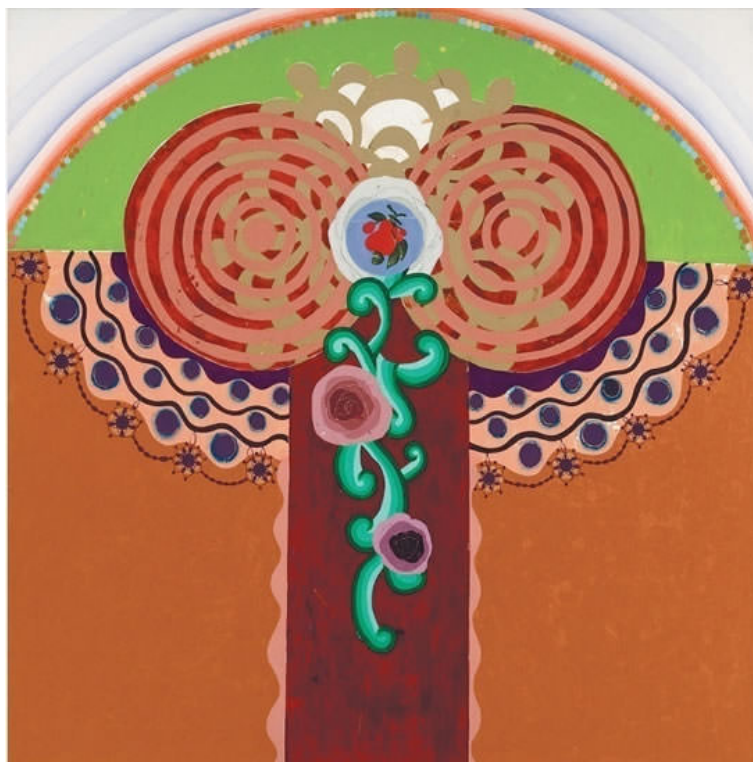


Figura 23: Beatriz Milhazes. *A Louca*

Fonte: Site James Lisboa escritório de arte

(<http://www.escriitoriodearte.com/artista/beatriz-milhazes/>)

II: A obra em si.

No contexto atual é possível investigar a linguagem sem o peso da dicotomia abstração/figuração. É na possibilidade de abraçar não só a narrativa abstrata como também a figurativa que outros caminhos podem se abrir, sem duelos, e sim com colaboração.

No desenvolvimento desse trabalho, foram importantes conceitos como Movimento / Estaticidade e Caos / Ordem.



Figura 24: André Felipe Magalhães Lima. *Work in progress*1

Em termos de processo de criação, em primeiro lugar, a tela é desenhada a carvão. Esses traços de carvão são mantidos, pois começo a aplicar a tinta nos interstícios entre o traçado. Apenas no final, os traços são reforçados, uma vez que o carvão se esvanece durante a manipulação exigida pela aplicação das camadas de tinta. Os traços de carvão não são cobertos com tinta em momento algum. Assim, há um elemento fixo, a tinta, e outro impermanente, o carvão, compondo a mesma tela.



Figura 25: André Felipe Magalhães Lima.*Work in progress2*



Figura 26: André Felipe Magalhães Lima.*Work in progress3*

Forma rígida e mobilidade criam uma experiência visual, abrindo espaços e vibrando acordes. Como sons sobre água que tornam o meio instável, é justamente a instabilidade que aviva a sensação na superfície, rompe a calma. Cores e formas já não se delimitam mas dançam juntas no espaço.



Figura 27: André Felipe Magalhães Lima.*Work in progress4*

A hierarquia da heráldica é quebrada pelo próprio movimento da apropriação, e o que era rígido na origem se torna fluido. Assim, um movimento de apropriação dos elementos pictóricos bem como dos significados dos símbolos heráldicos toma lugar.

Formalmente, o gesto controlado do pincel vai em uma constante tentativa de sistematizar o acaso a partir dos traços em carvão. A permanência da tinta dialoga com a impermanência do carvão, e dessa forma, cor e traço se interpenetram e dialogam.



Figura 28: André Felipe Magalhães Lima.*Work in progress5*

O espaço pictórico tenta concentrar energia que se expande numa encenação de forças por vezes contrárias, por vezes convergentes. Na heráldica, a possibilidade de contradição é inexistente, uma vez que a gramática interna de seus símbolos os torna extremamente coesos. A introdução do acaso gera novos sentidos e desestabiliza os sentidos fixos.



Figura 29: André Felipe Magalhães Lima.*Work in progress*

A busca é confronto entre o movimento e a estaticidade, o caos e a ordem numa lógica compositiva dinâmica.

O resultado final arrasta o olhar pela superfície instável e conduz o observador numa espécie de movimento em suspensão.

No limite entre abstração e figuração,desconstruindo o muro entre ambas.

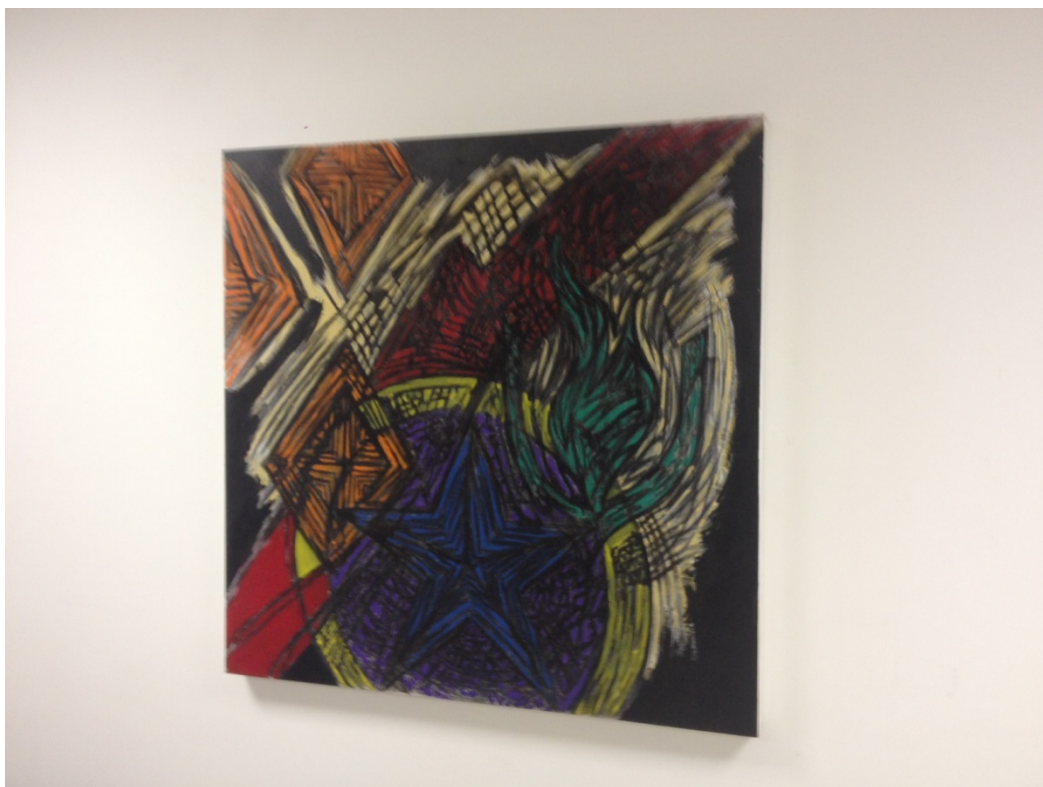


Figura 30: André Felipe Magalhães Lima.*Sem nome 1*



Figura 31: André Felipe Magalhães Lima.*Sem nome 2*



Figura 32: André Felipe Magalhães Lima.*Sem nome 3*



Figura 33: André Felipe Magalhães Lima.*Sem nome 4*



Figura 34: André Felipe Magalhães Lima. *Sem nome 5*



Figura 35: André Felipe Magalhães Lima. *Sem nome 6*



Figura 36: André Felipe Magalhães Lima. *Sem nome 7*



Figura 37: André Felipe Magalhães Lima. *Sem nome 8*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de levar um projeto de criação nas artes visuais, desde sua concepção até a execução de todos os itens previstos confere ao ato de pintar um senso de realidade e de concretude que não pode ser adquirido de outra forma. Elaborar um projeto e, no caso, discuti-lo com o orientador, incorporar novas ideias, reformular a ideia inicial, repensar técnicas, é uma forma de apropriação da pintura que reverbera muito além da experiência em si.

No caso, a ideia inicial era me apropriar dos símbolos da heráldica para, quebrando sua coesão interna, suscitar novos sentidos. Mas eu consegui uma nova linha de trabalho, que partiu da heráldica e chegou em telas bem mais expressivas do que as que eu estava realizando antes.

Em termos de técnica, consegui desenvolver bastante, pois me libertei de vários conceitos aos quais estava preso, e assim, consegui evoluir minha linha de trabalho para um novo nível, que eu ainda não havia atingido, e espero continuar fazendo progressos nessa área.

BIBLIOGRAFIA



ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna: Do iluminismo aos movimentos contemporâneos*. Saopaulo: Companhia das Letras, 1996.

AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 1985.

BOUTELL, Charles. *The Handbook to English Heraldry* (1914). Edição digital pelo Project Gutenberg, 2007. Disponível em <http://www.gutenberg.org/files/23186/23186-h/23186-h.htm>. Acesso em 10 de novembro de 2014.

GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1999.

<http://www.primeiroconceito.com.br/site/wp-content/uploads/2012/02/culturaDeMassa.pdf>

<http://www.mercadoarte.com.br/artigos/artistas/adriana-varejao/adriana-varejao/>

<http://www.escrikoriodearte.com/artista/adriana-varejao/>

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa17507/adriana-varejao>

<http://www.escrikoriodearte.com/artista/beatriz-milhazes/>

<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2013/09/artista-brasileira-viva-mais-cara-beatriz-milhazes-apresenta-retrospectiva-no-rio-4279643>.

<http://www.abcdesign.com.br/por-assunto/historia/heraldica-simbolos-nobres-significados-reais/>